

EXPOSIÇÃO

ANTÓNIO INÁCIO DA CRUZ

Um homem, uma escola, uma comunidade





ANTÓNIO INÁCIO DA CRUZ

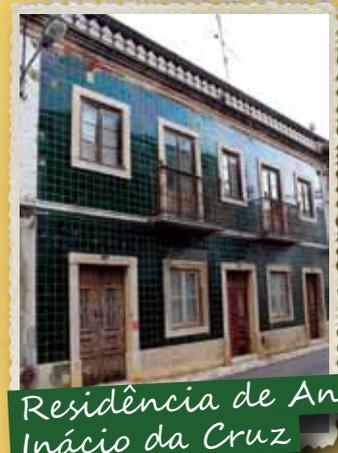
*Estudioso
e Cientista*

1876 – 1955

António Inácio da Cruz, filho de Francisco António da Cruz, professor e proprietário, e de Maria Inácia Pereira, naturais da freguesia da Abela, nasceu a 6 de dezembro de 1876 em Grândola, na Rua da Misericórdia, vindo a falecer vítima de leucemia aos 78 anos de idade, na sua residência na Rua Mouzinho de Albuquerque, a 3 de abril de 1955.

Herdeiro de um avultado património – no qual sobressaíam propriedades geradoras de elevado rendimento – obtido, fundamentalmente, a partir da venda de cortiça, António Inácio da Cruz efetuou a sua gestão zelosa, aumentando a sua fortuna. Apesar de não ter realizado estudos superiores, era fluente na língua francesa e foi um autodidata erudito, com interesses em diversas áreas do saber, nomeadamente, Astronomia, Física, Música, Ciências Sociais e Agricultura. Publicou os ensaios *A Pacificação da Sociedade ou Uma Organização Social mais conveniente* (1933) e *Flocos, Fios, Estrelas Cadentes e Outras Ideias ou Uma Conferência Que Não Se Fez* (1949) e deixou por publicar o manuscrito intitulado *Metais preciosos – como reconhecer a sua presença*. Foi inventor, encontrando-se documentados dois pedidos de patente: “Disposições para máquinas a vapor” (1916) e “Dispositivos destinados à oxidação completa do carvão e à alimentação combustível de fornos ou caldeiras” (1917). Testemunham o seu interesse científico a presença na sua biblioteca de títulos como: *Traité d’analyse*, de Emile Picard (1891), *Résumé et tableaux d’analyse qualitative mineral*, de Etienne Victor Barral (1898) e *Les petits métaux. Titane, tungstène, molybdène*, de P. Truchot (1905).

Apesar do seu carácter introspetivo e reservado, manteve-se a par dos desenvolvimentos técnicos, científicos, sociais e políticos do seu tempo. Foi sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, manteve correspondência com o Presidente da Academia das Ciências de Paris, com o Almirante Gago Coutinho, na qualidade de sócio efetivo da Academia de Ciências de Lisboa, a quem endereçou uma tese sobre a origem do fado e deu a conhecer as suas ideias individualistas a Bibliotecas, à imprensa escrita, como *O Século* e *O Mundo* e a diversas personalidades nacionais e internacionais do seu tempo, entre as quais, Manuel de Arriaga, Júlio Dantas, João Chagas, João de Menezes, Eduardo d’Abreu, Paulo Falcão, Briand (Ministro da República Francesa), Jean Jaurés, Carnegie, Prof. Frank R. Lillie (Universidade de Chicago), Prof. W. E. Castle (Universidade de Howard) e L. Doncester (Universidade de Cambridge).



*Residência de António
Inácio da Cruz*

Cidadão e Benemérito

Participou, episodicamente, na vida política local. Ocupou o cargo de vereador efetivo em 1906, 1907 e 1916, recebendo um voto de louvor pelo empenho na resolução de problemas relacionados com o abastecimento de água à vila e participou, ao lado do Dr. José Jacinto Nunes, no Congresso Municipalista de 1916.

Outro traço do seu caráter foi a prática de atos de beneficência ao longo da vida. Contribuía mensalmente para a Sopa dos Pobres; todos os sábados dava esmola à porta de casa a quem a solicitasse; em 1936, aquando de uma grave crise de trabalho, provocada por chuvas intensas, deu 10\$00 a todos os trabalhadores desempregados; auxiliou monetariamente várias instituições, entre elas, a Obra Paroquial de Trabalho e Educação das Raparigas e a Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, bem como familiares e amigos. Simultaneamente, efetuou diversos empréstimos, nalguns casos isentos de juros ou com juros módicos, a pessoas das suas relações.

Em ambos os testamentos que realizou, em 1948 e 1953, e dado que era solteiro e sem descendentes ou ascendentes, pôde dispor livremente dos seus bens. Neste sentido, gratificou os seus testamenteiros e efetuou diversos legados a familiares, afilhados, amigos e empregados, tendo-os isentado do pagamento de quaisquer dívidas e deixado a maior parte dos seus bens para fins de instrução, afirmando fazê-lo "... no intuito de beneficiar pessoas no começo da sua actividade ou da sua vida, que careçam de ensino e pareçam melhor o aproveitar, pois é a valorização dos indivíduos no começo da sua actividade que mais produtiva será para eles e dará mais grandeza à Nação."



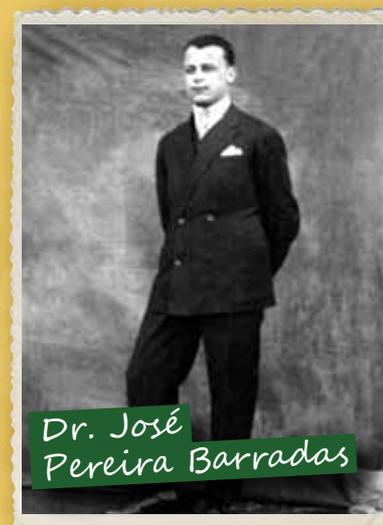
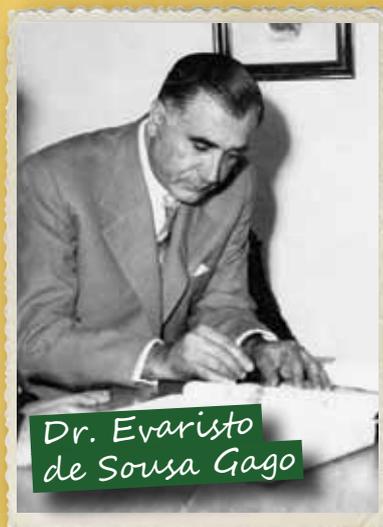
Aditamento aos testamentos: as bases da Fundação

A 3 de abril de 1955, no dia do seu óbito, António Inácio da Cruz fez um aditamento aos testamentos efetuados em 1948 e 1953, na sua residência e na presença das testemunhas Dr. Evaristo de Sousa Gago, médico, e Augusto Sobral Ravel, funcionário dos Correios, Telégrafos e Telefones. Nos documentos de 1948 e 1953 havia nomeado dois testamentários: o seu primo e médico veterinário, Dr. Manuel Gonçalves Espada e o secretário da Câmara Municipal de Grândola, António Gaio de Almeida. Não obstante, no aditamento de 1955 nomeou um terceiro testamentário, o Dr. José Pereira Barradas, Conservador do Registo Civil deste Concelho.

Nos testamentos, António Inácio da Cruz determinou que a maior parte dos seus bens seria destinada a fins educativos, estipulando a obrigação da conservação do jazigo de família, onde seriam depositados os seus restos mortais “preferentemente cremados”. Este património, situado nos concelhos de Grândola, Santiago do Cacém, Setúbal e Palmela, ficaria sob a administração da Câmara Municipal e de uma Comissão de Professores, sem a possibilidade de alienação ou hipoteca. Os seus rendimentos destinar-se-iam “à educação de estudantes do concelho de Grândola que mais se distingam por sua inteligência” e que não dispusessem de meios financeiros para custear os seus estudos.

A decisão de criação de uma fundação com o seu nome, com a definição de objetivos e direção, constituída por um representante da Câmara Municipal, dois professores do ensino oficial e dois lavradores, todos deste concelho, surgiu apenas no aditamento.

Neste documento determinou que o produto dos seus bens fosse aplicado “a fins de instrução, à sua assistência, protecção e expansão no concelho de Grândola e (...) à construção e criação em Grândola com auxílio do Estado, se possível fôr, de uma escola de ensino técnico agrícola, e industrial, ou similar e à manutenção da mesma, onde os estudantes pobres deste concelho, com qualidades de inteligência e de trabalho, devidamente comprovados e com aproveitamento, tenham ensino gratuito e, se possível fôr e caso disso, também auxílio material, auxílio este que, poderá ser concedido também aos alunos pobres do concelho, que se distingam nos cursos da referida escola e haja possibilidade para a fundação de os proteger no prosseguimento de estudos superiores.”



Fundação António Inácio da Cruz

A Fundação António Inácio da Cruz, pessoa coletiva de direito privado, utilidade pública e com carácter perpétuo, foi instituída pelo decreto-lei n.º 40761, da Direção Geral do Ensino Técnico Profissional, de 7 de setembro de 1956.

A Fundação tinha como principais fins instalar e manter em funcionamento, em Grândola, uma escola técnica agro-industrial, onde receberiam ensino gratuito os alunos do Concelho economicamente desfavorecidos, de bom comportamento e capacidade intelectual; auxiliar, por outros meios, os alunos daquele estabelecimento de ensino e das escolas do ensino primário do Concelho e apoiar financeiramente a continuação dos estudos dos alunos necessitados, naturais do Concelho, que melhor aproveitamento obtivessem na frequência da escola técnica, o que se veio a verificar.

A Junta Diretiva da Fundação António Inácio da Cruz reuniu, pela primeira vez, a 30 de Novembro de 1956 e era constituída pelo representante da Câmara Municipal (Presidente da Câmara e desta Junta) José Manuel Alves de Aires Mateus; pelos lavradores João Nunes Roldão e Jaime Gonçalves Espada e pelos professores Augusto Trajano Esteves e Pedro de Jesus Gonçalves.

No período que antecedeu a instalação da Escola Agro-Industrial António Inácio da Cruz, a Junta Diretiva tomou algumas decisões importantes no âmbito do cumprimento dos seus estatutos, designadamente:

- Gestão das propriedades, salientando-se a conservação do montado e a extração e venda de cortiça;
- Em 1957, aquisição do Cerrado do Arraial para instalação da Escola, pelo valor de 400 000\$00, e auxílio ao aluno carenciado Licínio Chainho Pereira, que havia concluído o 5.º ano do liceu, para prosseguimento de estudos;
- Contratação do Eng.º Agrónomo José Lobo de Vasconcellos para dirigir e orientar os trabalhos de preparação e instalação da Escola e a adaptação a campos de ensino prático dos terrenos agrícolas.



Herdade da Ribeira Abaixo



1923 – 2014

JOSÉ LOBO DE VASCONCELLOS

*Eng.º Agrónomo e 1.º Diretor
da Escola Agro-Industrial*



No âmbito do processo de criação da Escola, a Junta Diretiva sentiu necessidade de contratar um técnico superior que pudesse assumir funções relativas à sua instalação e à gestão do património fundiário legado pelo benemérito. Neste sentido, por indicação do Governador Civil, foi convidado para o cargo o Eng.º Agrónomo, Arq.º Paisagista e especialista em Silvicultura, José Lobo de Vasconcellos, de Santiago do Cacém. O Eng.º Lobo de Vasconcellos iniciou a sua atividade em Fevereiro de 1958. A sua ação revelou-se de extrema importância ao nível da preparação da instalação da Escola, tendo participado ativamente nos trabalhos de adaptação a campos de ensino prático das propriedades afetas à Escola e no projeto de arquitetura, da autoria do Arq.º Manuel Tainha, principalmente no que respeitou ao Páteo da Lavoura. Simultaneamente, teve a seu cargo a gestão das propriedades agrícolas da Fundação e desempenhou funções letivas, ministrando aulas teóricas e práticas.

Em outubro de 1962 assinou contrato como Professor Efetivo com funções de Diretor da Escola Agro-Industrial e em maio de 1963 apresentou a sua demissão, evocando “motivos poderosos de ordem particular”. A Junta Diretiva teceu-lhe rasgados elogios, quanto ao seu “zelo, competência e reconhecidas qualidades profissionais”, tendo o Eng.º Lobo de Vasconcellos afirmado que partia “com a consciência tranquila por ter cumprido as missões que me foram confiadas e por ter ajudado a dotar esta terra – que

não é a minha – com uma Escola que tanto valoriza os seus filhos e também por ter contribuído para concretizar o desejo do Benfeitor Exmo. Sr. António Inácio da Cruz”.

A documentação existente atesta o empenho, a competência e a probidade manifestados pelo Eng.º Lobo de Vasconcellos no exercício do seu cargo.



*1.º Diretor e
funcionários da Escola*

A inauguração da Escola

A Escola Agro-Industrial António Inácio da Cruz foi inaugurada a 12 de Abril de 1964. Projetada pelo Arquiteto Manuel Tainha, a obra importou em 6. 700 contos e foi custeada, em partes iguais, pela Fundação António Inácio da Cruz e pelo Ministério das Obras Públicas. Na época, contava com 160 alunos, exclusivamente do sexo masculino, e ministravam-se os cursos de Formação Industrial, Formação Agrícola e, integrado neste, o curso de Especialização de Mecânico Agrícola. Os programas escolares foram estruturados com base nos mais modernos métodos de ensino de escolas técnicas da Suíça e da Alemanha, com o objetivo de se prepararem técnicos e, principalmente, operários especializados. Para a abertura ao ensino feminino, encontrava-se prevista a criação do curso de Formação Feminina.

As cerimónias tiveram início de manhã, na Praça da República, e foram noticiadas e descritas por jornais regionais e de tiragem nacional. Era a primeira vez que um Presidente da República visitava oficialmente Grândola. Na Praça, a população aguardava a chegada do Almirante Américo Tomás, estando presentes representantes das Juntas de Freguesia e das Casas do Povo do Concelho, o pároco da vila, as crianças das escolas, a SMFOG e a Sociedade Filarmónica Amizade Visconde de Alcácer do Sal.



Da comitiva presidencial faziam parte elementos da sua Casa Militar, vários Ministros, o Governador Civil de Setúbal, o Diretor-geral do Ensino Técnico e o Presidente da Comissão Distrital da União Nacional. Ao cortejo presidencial juntaram-se o Bispo auxiliar de Beja, o Presidente da Câmara Municipal e da Fundação António Inácio da Cruz, Dr. José Machado Gonçalves, acompanhado de outros representantes autárquicos e de “numerosas individualidades”. Américo Tomás foi recebido pela guarda de honra dos Bombeiros, foi feita uma salva de morteiros, soaram toques de sereia, lançaram-se papéis, serpentinas e pétalas e as bandas executaram *A Portuguesa*. Na Escola encontravam-se os seus alunos e Diretor, Eng.º Pardal Nogueira, o Presidente da Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário, o Presidente da Comissão de Assistência do Concelho, Dr. Jorge Dias Pablo, o Corpo Nacional de Escutas, elementos da Mocidade Portuguesa, coletividades do Concelho e deputações dos mineiros do Lousal. O Bispo auxiliar abençoou as instalações e, de seguida, o Presidente descerrou uma lápide assinalando a inauguração oficial da Escola. A cerimónia de inauguração culminou com um almoço volante servido nas instalações da biblioteca escolar.



1922 – 2012

MANUEL TAINHA



Arquiteto: autor do projeto de arquitetura da Escola Agro-Industrial

Nascido em Paço de Arcos em 1922, Manuel Tainha diplomou-se em Arquitetura em 1950 pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, com 19 valores. Trabalhou com Carlos Ramos e na Câmara Municipal de Lisboa até 1954. Desde 1959, foi membro da *The Architectural Association* de Londres. Foi autor de alguns dos mais paradigmáticos edifícios da arquitetura portuguesa do século XX, designadamente a Pousada de Santa Bárbara em Oliveira do Hospital (1955-71), a Escola Agro-Industrial de Grândola (1959-63), a Escola de Regentes Agrícolas de Évora (1960-66) ou as Torres dos Olivais em Lisboa (1961-67).

A sua obra foi objeto de amplo reconhecimento. Recebeu, entre outros, o Prémio AICA (1990), o Prémio Valmor (1991) e o Prémio Nacional de Arquitectura (1993). Integrou a Exposição *Arquitetura Portuguesa* da Fundação de Serralves (1991), a Exposição *Anos de Ruptura, Arquitectura Portuguesa dos Anos 60* (1994) e a Exposição *Portugal: Arquitectura do Século XX* (Frankfurt, 1997). Em 2000, a Casa da Cerca dedicou-lhe uma ampla exposição retrospectiva. Alguns dos seus edifícios encontram-se classificados no âmbito patrimonial e/ou fazem parte do registo do DOCOMOMO Ibérico.

[...] Foi cofundador e diretor da revista *Binário* (até ao número 10) em 1958. Pertencem-lhe alguns dos mais importantes textos da arquitetura portuguesa dos últimos 50 anos, muitos deles publicados em revistas e livros. designadamente *A Arquitectura em Questão* (1994), *Textos do Arquitecto* (2000) e *Textos de Arquitectura* (2006). [...]

Foi cofundador, diretor e professor do Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes (1965-74). Exerceu funções docentes no Departamento de Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa/ FAUTL (1976-92), no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (1989-93) e no Curso de Arquitetura da Universidade Lusíada de Lisboa (1993-). Foi-lhe atribuído o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Técnica de Lisboa (2004) e pela Universidade Lusíada (2005). Entre 1955 e 1961, no âmbito do Sindicato Nacional dos Arquitetos, foi copromotor e coorganizador do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa, publicado como *Arquitetura Popular em Portugal* (1961). Foi, aliás, Presidente do Sindicato (1960-63) e Secretário da sua Direção (1957-58), assim como Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Arquitetos Portugueses (1982-89). Membro Honorário da AAP/OA desde 1994, foi homenageado pela Ordem dos Arquitetos em 2010, por ocasião do Dia Nacional do Arquiteto. Em 2000, foi agraciado com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique pelo Presidente da República Portuguesa.

Ordem dos Arquitetos

A ESCOLA AGROCOLTA

Ao longo da sua existência, a Escola do Cruz, como era popularmente designada, soube constituir-se como uma referência educativa no concelho, na região e mesmo no país, melhorando os seus currículos, criando novos cursos, atraindo mais alunos.

Destacando-se pelo seu pioneirismo e inovação, de que são bons exemplos a criação do ensino da língua francesa no ciclo preparatório do ensino técnico que permitiu o acesso dos seus alunos às Escolas de Regentes Agrícolas, o curso de Agente Rural Feminino, único no país, ou o curso de Química que entrou em funcionamento em 1971, dotando uma pequena vila de um curso que só existia nos liceus das grandes cidades.

Ao longo da sua existência, a Escola que foi inaugurada em 1964, com o nome já referido de Escola Agro-Industrial António Inácio da Cruz, conheceu várias designações que acompanharam as diferentes alterações introduzidas pelas políticas educativas. Em 1970 passou a designar-se Escola Técnica António Inácio da Cruz e já após a extinção da Fundação em Outubro de 1977, adoptou o nome atual, a 27 de de Abril de 1978, de Escola Secundária António Inácio da Cruz.

Decorridos cinquenta anos, novos desafios se colocam à Escola Secundária António Inácio da Cruz. Integrada desde 2013 no Agrupamento Vertical de Escolas de Grândola, onde se constitui como Escola-sede, nela estudam alunos do 8º ano ao 12º ano, adultos integrados num Curso de Educação e Formação, num total de 376 estudantes dos cerca de 1400 que pertencem ao Agrupamento. Paralelamente, tem em funcionamento um Centro de Qualificação do Ensino Profissional, com cerca de 600 alunos inscritos na sua plataforma on line.

Assim, a missão educativa que a visão do seu patrono, António Inácio de Cruz, pôs ao serviço de todos os jovens do concelho, continua, 50 anos depois, a ser mesma: contribuir para a formação e qualificação da população do concelho.

A Escola e a comunidade



A abertura em 1964 de uma Escola Agro-industrial em Grândola, acessível aos estudantes pobres do Concelho, ganha um maior relevo num período da nossa História recente, em que os governos do Estado Novo (1926-1974), olhavam com muita desconfiança para a instrução e qualificação dos jovens e da população em geral. O ministro da Educação Nacional à época da inauguração da Escola, Inocêncio Galvão Telles, fez a seguinte afirmação: *“A corrida às escolas tem de ser acompanhada e vigiada.”*

Na década de inauguração da Escola, Grândola conheceu uma acentuada quebra demográfica – dos 21 mil habitantes recenseados em 1950, a população do Concelho passou, em 1960, para cerca 19 mil habitantes. A este decréscimo populacional não era alheio o fraco desenvolvimento económico, para o qual contribuíram, o encerramento das minas da Caveira, a diminuição da produção das minas do Lousal, a estagnação da agricultura e a crise da indústria corticeira, incapaz de enfrentar a concorrência externa. Estes fatores provocaram ao longo dos anos sessenta um aumento do desemprego e a conseqüente vaga migratória – estima-se que cerca de 30% da população migrasse, para a península de Setúbal, Lisboa, ou mesmo para fora das fronteiras nacionais, com destino, sobretudo, a França, Luxemburgo e Alemanha. A forte repressão política registada na década, acentuada pelo início da guerra colonial (1961) contribuíram ainda mais para esta vaga migratória.

Neste contexto, a abertura de uma Escola Agro-industrial ganhava uma maior relevância na medida que permitia aos jovens das famílias mais pobres acederem a uma qualificação em áreas fundamentais, quer para o desenvolvimento do Concelho, quer do país.

O perfil essencialmente técnico da Escola, garantiu uma elevada taxa de empregabilidade dos seus alunos, como atesta o número significativo de alunos da Escola que integraram os quadros da Setnave e da Lisnave. Assim, e apesar das mudanças ocorridas nas políticas educativas ao longo dos tempos, a Escola António Inácio da Cruz foi e é fundamental na qualificação dos jovens que nela estudaram e estudam, constituindo-se como uma importante referência educativa do Concelho e da região.

